

5.1 MANUSCRITO 1

Representações Sociais de familiares de adolescentes Quilombolas sobre drogas

Social Representations of *Quilombola* Adolescent Family Members on Drugs

Representaciones sociales de adolescentes de familia *Quilombola* sobre drogas

Cláudia Brito de Oliveira Lima¹, Rita Narriman Silva de Oliveira Boery²

RESUMO: Objetivo: apreender as representações sociais dos familiares de adolescentes quilombolas a fim de compreender seus julgamentos e valores acerca do consumo de drogas.

Método: Estudo qualitativo, fundamentado na Teoria das Representações Sociais, proposta por Moscovici. A pesquisa foi desenvolvida com doze familiares de adolescentes matriculados em uma escola quilombola, no município de Jequié, Bahia, Brasil, no período de novembro à dezembro de 2018. Para a coleta de dados, utilizamos a técnica de entrevista semiestruturada, sendo esses dados analisados segundo a técnica de Análise de Conteúdo Temática, de Laurence Bardin. **Resultados:** os familiares representaram a droga como um malefício que influencia os adolescentes, destrói famílias, leva às prisões, à morte e a um estágio de vida degradante. **Conclusão:** o estudo revela a existência de concepções negativas sobre as drogas e a importância de haver ações de prevenção e promoção da saúde no contexto do consumo de drogas na adolescência.

Descritores: Adolescente; Relações familiares; Afrodescendentes; Drogas ilícitas.

INTRODUÇÃO

O consumo de drogas tem sido considerado um fenômeno multifacetado, que envolve aspectos culturais, biológicos e psicológicos, sendo alvo de interesse no campo científico. O uso de drogas constitui um problema social, objeto de políticas públicas e demanda de respostas dos poderes públicos e da sociedade em geral^{1,2}.

Nesse contexto, os adolescentes têm sido considerados um grupo mais vulnerável ao consumo dessas substâncias, o que está relacionado às características próprias dessa fase da vida como: mudanças acentuadas e rápidas; instabilidade; construção da identidade pessoal

que ocorre por meio da emancipação face à família; e, também, a influência dos pares, que passa a ser maior durante essa etapa da vida³.

A relação entre o consumo de drogas por adolescentes e o contexto escolares tá relacionado ao baixo desempenho nas atividades, à menor frequência nas aulas e às reprovações. A escola pode ser considerada como fator de risco para o consumo, na medida em que pode facilitar o acesso a tais substâncias, por pressão dos amigos para o uso e também devido à proximidade com colegas que têm envolvimento com o tráfico. Por outro lado, pode ser considerada como fator de proteção quando se propõe a realizar atividades educativas relacionadas à temática⁴.

A família tem sido relatada como outro aspecto, destacado na literatura, tanto pela importância em oferecer condições para um desenvolvimento saudável na adolescência, quanto pela necessidade de participar de intervenções visando à superação das dificuldades manifestas no que se refere ao consumo de drogas⁵⁻⁷. Assim, destaca-se a importância de compreender o consumo de drogas na adolescência na percepção de familiares de adolescentes, visto o potencial da família como espaço de influência para o desenvolvimento humano.

Nessa perspectiva, o presente estudo foi mobilizado pelas vivências enquanto psicóloga, coordenadora do programa PROJOVEM ADOLESCENTE, voltado para o atendimento aos jovens entre 15 a 18 anos em situação de vulnerabilidade social. No grupo de convivência do PROJOVEM, que tinha como um dos objetivos abordar temas transversais como drogas lícitas e ilícitas, podemos perceber, então, a importância de haver espaço de diálogo entre escola, adolescente e família, que envolvesse essa temática. Em 2016, o ingresso no mestrado me possibilitou a inserção no Grupo de Pesquisa sobre Qualidade de Vida, em que pude conhecer por meio de pesquisas desenvolvidas no grupo, um pouco da realidade de uma escola da comunidade quilombola. Percebemos que esse seria um ambiente propício para o desenvolvimento dessa pesquisa, dado que a escola se encontra situada em uma área de vulnerabilidade para o consumo de drogas.

O estudo torna-se relevante, na medida em que poderá fomentar a reflexão dos profissionais e gestores envolvidos no contexto do cuidado ao consumo de drogas, contribuindo para o desenvolvimento de práticas de cuidado que envolvam a escola, os adolescentes e suas famílias, como o desenvolvimento de novos projetos e políticas públicas que se proponham a inserir a participação e o cuidado às famílias de adolescentes em situações de vulnerabilidade ao consumo de drogas.

Além disso, a presente pesquisa se propõe a estudar a concepção de drogas e suas representações em uma perspectiva que possa valorizar o aspecto social, cultural e histórico, embasada na Teoria das Representações Sociais (TRS), desenvolvida por Moscovici⁸ e que defende que um determinado objeto só existe a partir do momento que este passa a ter um significado social nas conversas do cotidiano dos sujeitos.

Nesse sentido, as Representações Sociais sofrem influências dos contextos sócio-históricos de onde se originam, o que nos leva a compreender e tentar explicá-las a partir do contexto social em que os grupos estão inseridos. Sendo assim, torna-se de fundamental relevância a descrição do grupo social estudado⁸. Dessa maneira, o estudo tem como objetivo apreender as representações sociais dos familiares de adolescentes quilombolas sobre drogas a fim de compreender seus julgamentos e valores acerca do consumo de drogas.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa com delineamento descritivo e exploratório, de natureza qualitativa e embasada na TRS, proposta por Moscovici (2010), com o fim de compreender as significações do fenômeno em estudo.

A pesquisa foi realizada na comunidade quilombola do Barro Preto, localizada na zona urbana do município de Jequié, estado da Bahia/Brasil. O reconhecimento do local para pesquisa se deu a partir de visitas realizadas no Colégio Estadual Quilombola Doutor Milton Santos, reconhecido pela Fundação Palmares desde o ano de 2007. A escola oferta 500 vagas para os remanescentes quilombolas e alunos de comunidades adjacentes, do ensino fundamental e médio, nos turnos matutino, vespertino e noturno.

Foram elegíveis e selecionados doze participantes, sendo nove mulheres e três homens, com idades entre 35 e 60 anos, que deveriam atender aos seguintes critérios: serem familiares de adolescentes, alunos do ensino médio do colégio estadual situado na comunidade quilombola, e autodeclarados descendentes quilombolas e membros da comunidade, com idades a partir dos 18 anos. O período de produção da pesquisa se deu entre os meses de novembro e dezembro do ano de 2018.

Antes de proceder à coleta de dados, foi feito um momento de esclarecimento aos participantes acerca dos propósitos do estudo e a importância da realização da pesquisa, que, concordando em participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A coleta dos dados foi realizada por meio de uma entrevista do tipo semiestruturada

e vale ressaltar que a entrevista foi realizada de forma individual, em um ambiente reservado do laboratório de informática, com a presença apenas do participante e da pesquisadora.

O instrumento da entrevista semiestruturada foi elaborado com questões sócio demográficas e três questões norteadoras, sendo registradas as respostas pela própria pesquisadora. Com o fim de garantir o anonimato dos participantes em todas as fases da pesquisa, estes foram identificados com a letra “P”, seguida de um número de 1 a 12, correspondente à sua ordem de participação.

Para análise da entrevista semiestruturada, foram extraídas as respostas das questões abertas e obedecidos os critérios elencados por Bardin⁹: ordenação das informações e constituição do corpus; leituras minuciosas do corpus; identificação e codificação de unidades de sentido, correspondendo a frases ou parágrafos; definição de subcategorias, a partir da agregação das unidades de sentido que tinham o mesmo código; estabelecimento das categorias temáticas, agrupando as subcategorias.

Na sequência, foi realizada a descrição do material processado e foram sobressaídas as unidades de análise, destacando trechos das falas que pudessem ser tratadas fora do contexto do teor original. Separadas as unidades, elas foram agrupadas por similaridade ou por analogia, de acordo com o critério semântico ou de sentido. Este agrupamento deu origem às categorias de análise.

Tais categorias são essenciais para a interpretação do material colhido e produzido, tendo em vista que representa uma comunicação, expressa o ponto central de uma mensagem. Assim, com esse método foi permitido o uso do aporte teórico das Representações Sociais, possibilitando que se identificassem os sentidos e significados de familiares acerca do uso de drogas na adolescência. Como resultado, foi nomeada 1 categoria, a saber: Concepções de familiares sobre o consumo de drogas.

Este estudo seguiu todos os preceitos éticos exigidos pela Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012, do Conselho Nacional de Saúde e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) sob o CAAE nº 83681517.2.0000.0055.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos participantes

Dos familiares da pesquisa, 75% (n=9) eram do sexo feminino e 25% (n=3) do sexo masculino. Quanto ao nível de escolaridade, 75% (n=9) disse ter concluído o ensino médio,

8% (n=1) concluiu até o 6º (sexto) ano do ensino fundamental, 8% (n=1) afirmou ser analfabeto funcional (só sabe assinar o próprio nome), e 8% (n=1) tinha ensino superior incompleto, até o momento da pesquisa.

Com relação às idades, estas variaram entre 35 a 60 anos; quanto às ocupações/profissões: 42% era doméstica (n=5); 8% cabeleireira (n=1); 8% exercia a função de auxiliar administrativo 8% (n=1); 8% era vigilante (n=01); 8% mecânico (n=01); professora 8% (n=1); policial 8% (n=1); e diarista 8% (n=1). Quanto aos adolescentes na família, 8% (n=1) dos participantes disse que convive com neto adolescente; (82%) (n=10) possui filhos na fase da adolescência; e 8% (n=1) tem sobrinho adolescente.

No que se refere ao tempo de residência na comunidade, 42% (n=5) reside de 20 a 29 anos no bairro; 32% (n=4) afirma que reside de 30 a 39 anos e 25% (n=3) reside na comunidade de 40 a 43 anos. Já na declaração étnica, se autodeclarou negro do sexo feminino 25% (n=3) e do sexo masculino 8% (n=1) de cor parda, do sexo feminino 42% (n=05) e masculino 25% (n=2) e dos participantes, se declarou branco 8% (n=1).

Passaremos, agora, a discorrer sobre a categoria temática “Concepção de familiares sobre o consumo de drogas”, com 20 unidades de sentidos, que foi discutida de acordo com o Referencial Teórico da Teoria das Representações Sociais, de Moscovici.

Concepção de familiares sobre o consumo de drogas

Os resultados discutem a concepção dos participantes acerca do significado da droga, e essas concepções são objeto deste estudo, a saber: representações sociais de familiares de adolescentes quilombolas sobre drogas. A presente categoria mostra que a droga é representada por meio de diferentes significados, que vão desde a concepção de mal do século, algo ruim, que destrói relações e pode levar à morte, até a sensação de prazer imediato.

Os depoimentos mostram a concepção dos familiares de que a droga representa um malefício que atinge tanto aos adolescentes e jovens como às famílias como um todo. A concepção de que adolescentes e jovens têm sido influenciados por esse mal indica a representação da personificação da substância, como se ela por si só tivesse o poder de atraí-los para o uso, causar decepção e destruição de muitas famílias, como observado a seguir.

Eu entendo que droga, é o mal que tem levado a destruição de muitas famílias [...] Droga é um mal que tem influenciado muitos jovens. (P2)

[...] As drogas têm sido um dos meios mais cruéis, onde adolescentes e jovens têm sido influenciados por este mal.(P3)

[...] influência, que destrói. (P9)

[...] droga traz decepção na família. (P12)

A visão negativista em relação à droga, descrita acima pelos participantes, parece ter sofrido influência do discurso moralista construído pela sociedade ao longo do tempo. Esse discurso, carregado de significados, reflete a visão do “movimento de guerra contra as drogas”, que teve início nos Estados Unidos da América (EUA), em que o consumidor de drogas tem como única opção dizer “não às drogas” para iniciar o tratamento¹⁰.

Na vertente do “movimento de guerra contra as drogas” o usuário é considerado como alguém que não possui o domínio sobre suas escolhas e/ou comportamentos, um sujeito passivo que sofre influência do objeto (a droga), tendo a substância o poder de dominá-lo e influenciá-lo, podendo desencadear diversos prejuízos, dentre eles a dependência¹¹.

Nesse sentido, a relação ou vínculo que a pessoa estabelece com a droga são desconsiderados, não se levando em conta os aspectos psicossociais, as singularidades de cada sujeito e o contexto em que ele está inserido, visto que no discurso moralista só existe a ideia de que o usuário é o culpado, o que reforça o estigma do drogado como alguém que fugiu aos padrões morais que a norma social impõe¹⁰.

De acordo com Moscovici, psicólogo social, que elaborou a TRS, o homem se apropria dos conhecimentos científicos que lhe são transmitidos, para assim construir a sua realidade. As RS não podem ser compreendidas enquanto processo cognitivo individual, dado que são constituídas por um conjunto de atitudes, crenças e opiniões de um grupo, estabelecido nas relações entre os sujeitos¹². Ou seja, o discurso moralista reproduzido pelos participantes do estudo é uma representação social do objeto – a droga – que vem sendo construída através dos tempos e compartilhada entre os sujeitos, num determinado contexto social.

Em um período anterior ao surgimento da teoria das representações sociais, o pensar da população geral, denominado “senso comum”, era considerado conhecimento sem lógica ou consistência, desprovido de articulação coerente e “fragmentado”. Quando comparado ao conhecimento científico, o senso comum era considerado como uma espécie de saber primitivo, leigo, ignorante e até mesmo, de “mentalidade pré-lógica”, conforme classificam as áreas da sociologia, psicologia, antropologia, etc¹³.

Também é possível observar que os participantes apresentam a concepção de que a droga leva qualquer ser humano à prisão ou à morte, já que constitui um caminho sem volta, como se observa nos depoimentos.

[...] leva qualquer ser humano à morte. (P1)

[...] um mal, como posso dizer, assim: quem bem souber nem chegue perto, pois é um caminho, muitas vezes, sem volta. (P3)

[...] droga traz morte. (P12)

[...] as drogas têm sido um dos meios mais cruéis, pelo qual adolescentes e jovens têm sido influenciados por este mal, que leva às prisões ou até a morte de muitas famílias (emociona-se). (P12)

A visão dos participantes sobre o consumo de drogas como algo que leva sempre à morte parece sofrer influência da mídia e da própria sociedade que propaga que o consumo dessas substâncias é uma questão de segurança pública, visto que, com o aumento da quantidade de consumidores, também houve crescimento da criminalidade e do tráfico de drogas no país¹⁴.

Jodelet¹⁵ considera que as representações sociais colaboram com a estruturação e compreensão da realidade social quando afirma que as representações sociais são uma espécie de conhecimento construído e compartilhado socialmente, o que favorece a construção de uma realidade coletiva de um grupo social.

Os depoimentos dos familiares também mostraram que nem sempre o uso de drogas tem como desfecho principal a morte, mas o “fundo do poço”, o que, para eles, representa um estágio degradante do indivíduo que está fora de si, encontra-se triste, desviado “do caminho certo” e sem escapatória.

[...] Droga para mim é tudo aquilo que levar o jovem a se desviar do caminho certo. (P4)

[...] Para mim droga é tudo de ruim! (P5).

[...] O que leva a pessoa a fazer coisas que não deve [...] às vezes, fica fora de si com o uso de drogas. (P6)

[...] Droga para mim é o fundo do poço de qualquer ser humano, algo viciante que leva realmente ao fim de tudo, é a última escapatória. (P10)

[...] a droga é um produto que vem estragando a vida das pessoas, droga só traz tristeza [...] (P12)

De acordo com os participantes, o objeto (droga) é representado nas expressões sociais de forma negativa, significados esses decorrentes de informações, crenças, opiniões e atitudes construídas socialmente. Assim, em sua concepção, a droga pode trazer influências negativas para a vida do indivíduo, alterando a percepção do que é certo e errado, bem como pode provocar uma distorção da realidade e, em muitos casos, causar importantes consequências na vida familiar, pessoal, social e profissional.

Como diz Almeida¹⁶, nas últimas décadas, o consumo de drogas tem tomado dimensões preocupantes, com graves consequências para o indivíduo, sua família e comunidade, comprometendo as diversas interfaces da vida cotidiana.

Drogas podem ser consideradas substâncias que produzem mudanças nas sensações, no grau de consciência e no estado emocional das pessoas. [...] A dependência psíquica, às vezes física, causada pela droga é capaz de alterar os reflexos inatos e/ou adquiridos ^{17:642}.

De acordo com Ferreira¹⁸, o consumo de drogas traz sérios danos à saúde do indivíduo, deixando-o suscetível e exposto aos impactos causados por essas substâncias. Além disso, em decorrência das alterações do comportamento, cognitivas e do humor, tal consumo compromete a vida de adolescentes e adultos, privando-os do convívio saudável familiar e social, acarretando conflitos em suas diversas relações.

No entanto, o depoimento do entrevistado P4 destacou a concepção de droga como algo que proporciona prazer imediato, como se observa a seguir:

[...] aquilo que proporciona um prazer imediato [...] (P4)

Nesse contexto, Moscovici valoriza o processo de comunicação, em que, segundo o seu pensamento, as RS são construídas na contradição entre as relações, que podem ser ao mesmo tempo, geradas e adquiridas. As RS pertencem à sociedade, uma vez que são compartilhadas, mas não são homogêneas, porque são compartilhadas na heterogeneidade da diversidade daquilo que é posto como um conhecimento social. A RS é caracterizada como processo criativo de elaboração cognitiva e simbólica que serve para direcionar nosso comportamento¹³.

Vale ressaltar que nem sempre a droga foi considerada um problema social ou vista de maneira negativa, pois faz parte de diversos contextos, como eventos religiosos ou místicos, entre outros. Além disso, possui muitas funções ligadas à busca pelo prazer, alteração de estado de consciência, melhorar os sentidos, o estado de espírito e o humor, dentre outros¹⁹.

De acordo com Sena²⁰, o uso da droga pode ser considerado uma maneira de gerar alívio e prazer. Tanto as experiências de iniciação de uso de drogas, quanto os casos de uso

recorrente, são formas de lidar com dificuldades decorrentes de projetos de felicidade, bem como de necessidades físico-químicas.

A dependência química é um problema crônico, de fácil reincidência e possui fatores múltiplos e complexos. É percebida quando um sujeito apresenta dificuldades para controlar seu comportamento e tem seu autocontrole desafiado por impulsos de extrema intensidade, mesmo que a iniciativa do consumo da droga tenha sido de livre escolha do indivíduo. Avanços científicos sobre este tema conseguem explicar de maneira mais clara os mecanismos biológicos e cerebrais que envolvem o estágio de uso abusivo das drogas, apesar de ainda haver muito a descobrir sobre essa questão²¹.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a importância da reflexão sobre o uso de substâncias químicas na atualidade, o presente estudo objetivou analisar representações sociais dos familiares de adolescentes quilombolas. Constatou-se que o objeto “droga”, aqui representado de forma negativa, está carregado de muito preconceito e estigma. Além disso, a droga, algumas vezes, adquire o caráter de personalização, visto como um ser capaz de influenciar o indivíduo, negando, dessa forma, sua autonomia, no que diz respeito à decisão do consumo ou não da droga.

As representações expressadas pelos familiares revelam a existência de concepções negativas que a sociedade vem construindo ao longo dos anos a respeito das drogas e refletem seu modo de pensar e agir sobre esta temática. Nesse sentido, as representações vêm retificar o estigma social atribuído a estas substâncias, mantendo o ciclo de exclusão social daqueles que as usam.

Diante do exposto, é de fundamental importância a compreensão de que qualquer trabalho ético e de valor qualitativo que faça referência à temática das drogas merece que nos distancie de comportamentos preconceituosos e estigmas que envolvam essa questão para que possamos direcionar o enfoque do cuidado não na “droga em si”, mas nos sujeitos e nas diferentes relações que estabelecem com a substância.

Assim, são elementares políticas públicas efetivas que valorizem ações de prevenção e promoção da saúde, com o objetivo da diminuição do uso abusivo de drogas. É necessário, ainda, que aconteçam reflexões acerca desta temática, a partir da execução de práticas voltadas à redução de danos, focando no cuidado ao usuário, em lugar de supervalorização da droga, como reforça a política de “guerra contra as drogas”.

Essa perspectiva merece uma abordagem multidimensional, na qual o tema seja visto como um fenômeno complexo e multifatorial. Destaca-se que, diante da amplitude do fenômeno das drogas na sociedade, esse estudo foi pontual, não desejando esgotar as reflexões sobre esse tema. Faz-se necessário, ainda, a realização de novas pesquisas, que tragam aprofundamento para todas as questões aqui abordadas, além de propostas que possam atingir especificamente os adolescentes, respeitando as singularidades desse período de grandes mudanças na vida do sujeito: a adolescência.

REFERÊNCIAS

1. Andrade SFO, Alves RSF, Bassani MHP. A. Representações Sociais sobre as Drogas: um Estudo com Adolescentes em Conflito com a Lei. *Psicol. Cienc. Prof.* 2018; 38(3): 437-449.
2. Melo JRF, Maciel SC. Representação Social do Usuário de Drogas na Perspectiva de Dependentes Químicos. *Psicologia: Ciência e Profissão.* 2016; 36(1), 76- 87.
3. Trigo S, Silva S, Fraga S, Ramos E. Representações sociais de adolescentes sobre o consumo de drogas. *Arq Med.* 2015; 29(2): 39-45.
4. Horta RL, Horta BL, Costa AWN, Prado RR, Oliveira-Campos M, Malta DC. Uso na vida de substâncias ilícitas e fatores associados entre escolares brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE 2012). *Rev. bras. epidemiol.*2014; 17(Suppl 1): 31-45.
5. Cavaggioni APM, Gomes MB, Rezende MM. O Tratamento Familiar em Casos de Dependência de Drogas no Brasil: Revisão de Literatura. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 2017; 25 (1): 49-55.
6. Souza CM, Rezende MM, Vizzotto MM. Padrão de funcionamento familiar e dependência de substâncias psicoativas: um estudo bibliográfico. *Psicólogo Informação*, 2016; 20(20): 85-98.
7. Teixeira C, Guimarães LSP, ECHER IC. Fatores associados à iniciação tabágica em adolescentes escolares. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, 2017; 38(1), 1-9.
8. Moscovici, S. A representação social da psicanálise. Rio de Janeiro, Zahar; 1978.
9. Bardin, L. Análise de Conteúdo. São Paulo: Edições 70; 2011.
10. Queiroz SL, Sena ELS, Santos VTC, Carvalho PAL. Cuidado ao consumidor de drogas: percepção de enfermeiros da Estratégia de Saúde da Família. *Saúde Soc.* 2018; 27(3): 834-844.

11. Sena ELS, Araújo ML, Ribeiro BS, Santos VTC, Malhado SCB, Soares CJ et al. Ambiguidade do cuidado na vivência do consumidor de drogas. *Rev. Gaúcha Enferm.* 2017; 38(2): e64345.
12. Moscovici S. *La psychanalyse, son image et son public*, Paris: PUF; 1976.
13. Nobrega SM. Sobre a teoria das representações sociais. IN: Moreira ASP. *Representações Sociais: teoria e prática* (Org.). Editora UFPB, 2003.
14. Paiva COL, Mota IV, Nóbrega MP. Drogas e o mundo do crime: uma abordagem sobre a influência das drogas nos índices de criminalidade da cidade de Sousa/PB. 2015. *Revista Dat@venia.* 2015; 7(1): 107-125.
15. Jodelet, D. Representações Sociais: um domínio em expansão. In: Jodelet D. (org.). *As Representações Sociais*. Tradução, Lilian Ulup. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2001. 420p.
16. Almeida RBF, Santos NTV, Brito AM, Brito e Silva KS, Nappo SA. Treatment for dependency from the perspective of people who use crack. *Interface* (Botucatu). 2018; 22(66):745-56.
17. Alvarez SQ, Gomes GC, Xavier DM. Causas da dependência química e suas consequências para o usuário e a família. *RevEnferm UFPE online.* 2014; 8(3):641-8.
18. Ferreira SE, Santos AKM, Okano AH, Gonçalves BSB, Araújo JF. Efeitos agudos do exercício físico no tratamento da dependência química. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte.* 2017; 39(2): 123-131.
19. Ministério da Saúde (BR). *A política do Ministério da Saúde para atenção integral a usuários de álcool e outras drogas*. Brasília: Ministério da Saúde; 2004. Série E. Legislação de Saúde.
20. Sena ELS, Santos VTC, Subrinho LQ, Carvalho PAL. Percepção da família de adolescentes sobre o cuidado no contexto do consumo de drogas. *Rev. Eletr. Enf.* 2018; 20: 1-9.
21. Chaim C, Bandeira K, Andrade A. Fisiopatologia da dependência química. *Revista De Medicina.* 2015; 94(4), 256-262.

5.2 MANUSCRITO 2

Este manuscrito foi elaborado e adequado conforme as normas da Revista Issues in Mental Health Nursing (Qualis A1) e seguiu as instruções para autores, disponíveis no link <https://tandfonline.com/action/authorSubmission?show=instructions&journalCode=imhn20>

Normas da APA.

CONCEPÇÃO DE FAMILIARES SOBRE FATORES DE RISCO E PROTEÇÃO RELACIONADOS AO USO DE DROGAS NA ADOLESCÊNCIA.

RESUMO: O estudo objetiva conhecer a concepção de familiares de adolescentes sobre fatores de risco e proteção relacionados ao uso de drogas na adolescência. Desenvolvido com 12 familiares de adolescentes estudantes de uma escola quilombola em um município do interior da Bahia, Brasil, por meio da Técnica Projetiva de Desenho-estória com Tema e de entrevista semiestruturada. As descrições foram submetidas à técnica de Análise de Conteúdo Temática, de Laurence Bardin. Os familiares apontaram como fatores de risco para o consumo de drogas na adolescência a influência do grupo de pares, o padrão de consumo de drogas e a falta de habilidades interpessoais na adolescência; já como fatores de proteção foram destacados a família e a escola. O estudo aponta para a necessidade de haver intervenções na escola voltadas para a família e os adolescentes no contexto do uso de drogas.

Palavras-chave: família, drogas ilícitas, adolescência

INTRODUÇÃO

A concepção de familiares sobre fatores de risco e proteção relacionados ao uso de drogas na adolescência, objeto deste estudo, pretende refletir sobre esses fatores, presentes no dia a dia das famílias, com o intuito de ajudar na formação educacional e pessoal desses adolescentes.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde, a adolescência pode ser classificada como o período que se inicia aos 12 anos e se encerra aos 18, tendo como características mudanças no que diz respeito aos aspectos biológico, cognitivo, social e emocional (World

Health Organization, 2010). É uma fase de conquista da independência, na qual há o surgimento de novas condutas comportamentais, em um período de grandes mudanças, que ocorrem simultaneamente e favorecem o processo de formação da personalidade, sendo de grande relevância para o desenvolvimento humano (Barbosa, Casotti, & Nery, 2016; Franklin, Cardoso, Veigas, Nery, & Casotti, 2018).

Durante a adolescência os indivíduos passam por transformações biopsicossociais, marcadas pela busca da autonomia, diferenciação dos pais, curiosidade, busca por novas experiências e novas sensações, rebeldia, sensação de onipotência, estar mais susceptível às influências das amigas (Aquino, Teixeira, Silva, Xavier, Medeiros, & Falcão; Lobo & Barbosa, 2017; Elicker, Palazzo, Aerts, Alves, & Câmara, 2015). Todos esses fatores podem levar os adolescentes a exposição de comportamentos de risco, que são aqueles que desencadeiam agravos de cunho físico ou mental, como uso de tabaco, álcool e outras drogas, gravidez indesejada, entre outros, que são classificados como de risco, por estarem relacionados às principais causas de morte e inúmeros problemas sociais, tanto nos Estados Unidos, como no Brasil (Zappe, 2018).

Os fatores de risco a que os adolescentes estão expostos, para o consumo de drogas, são multidimensionais, pois envolvem aspectos sociais, psíquicos e biológicos, e o seu uso frequente e abusivo pode trazer implicações para a vida futura dos usuários (Elicker, Palazzo, Aerts, Alves, & Câmara, 2015). O uso de drogas pode resultar em danos ao desenvolvimento do adolescente, aumento de agravos à saúde, que incluem violência (Moura, Monteiro, & Freitas, 2016), acidentes de trânsito, distúrbios de conduta, fragilidade de laços sociais e familiares, até solidão e exclusão social (Siqueira, Moreschi, Backes, Terra, Soccol, & Mostardeiro, 2015).

Alguns estudos têm apontado fatores de risco relacionados ao consumo de drogas por adolescentes, como a conduta educacional dos pais (Fuentes, Alarcón, García, & Gracia, 2015), conviver com familiares que consomem drogas e influência de grupo de pares (Zappe & Dapper, 2017). Por outro lado, alguns fatores têm sido considerados como de proteção para o consumo dessas substâncias, como um maior monitoramento da família (Zappe & Dapper, 2017) e a escola, quando os educadores se propõem a realizar ações preventivas contextualizadas à realidade do estudante e do ambiente escolar, e que incluam o envolvimento ativo do educador e do estudante (Nascimento, Oliveira, & Michele, 2015).

Nessa perspectiva, a vivência enquanto psicóloga, discente de um programa de mestrado e participante do Grupo de Pesquisa sobre Qualidade de Vida nos permitiu conhecer um pouco da realidade de uma escola quilombola, situada em área de vulnerabilidade para o

consumo e tráfico de drogas, sendo muitos adolescentes inseridos nesse contexto, o que nos fez perceber as dificuldades vivenciadas pelos seus familiares em conviver constantemente com os medos, anseios e violência que a convivência com o uso de drogas pode acarretar, motivando-nos a refletir sobre a importância de ouvir esses atores sociais.

Desse modo, surgiu a seguinte inquietação, que direcionou a questão de pesquisa: quais as concepções de familiares de adolescentes sobre fatores de risco e proteção relacionados ao uso de drogas na adolescência?

Assim, o objetivo deste estudo é: conhecer a concepção de familiares de adolescentes sobre fatores de risco e proteção relacionados ao uso de drogas na adolescência. O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado intitulada “Representações sociais de familiares quilombolas sobre fatores de risco e proteção para o uso de drogas na adolescência”.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo de natureza qualitativa, fundamentado na Teoria das Representações Sociais (TRS), que de acordo com Serge Moscovici, constitui-se em um sistema de noções, práticas e valores que se propõe a instaurar uma ordem, que possibilita aos seres humanos se orientar no meio material e social em que vivem. A TRS favorece o processo de comunicação entre os sujeitos em sua comunidade, propondo-lhes um código que facilite as trocas sociais e também que classifique e dê nome as suas histórias individuais e coletivas (Nobrega, 2001).

O estudo foi desenvolvido no período de Novembro à Dezembro do ano de 2018, em um laboratório de informática de uma escola quilombola, situada na zona urbana de um município do interior da Bahia, com 12 familiares de adolescentes que estudam no colégio. Os familiares incluídos foram: pais, mães, avós, irmã, madrasta.

Os participantes da pesquisa atenderam aos seguintes critérios de inclusão: ser familiar de adolescente, aluno do ensino médio da respectiva escola; ser autodeclarado como descendente quilombola e membro da comunidade; ter idade maior ou igual a 18 anos.

A produção das informações dos participantes foi realizada utilizando a Técnica Projetiva de Desenho-estória com Tema, que se propõe a compreender elementos que compõem a subjetividade pessoal e coletiva dos participantes do estudo (Trinca, 2003). Para desenvolver essa técnica seguimos as seguintes etapas: entregamos a cada familiar uma folha de papel ofício em branco, giz de cera, lápis de cor, caneta hidrocor, lápis preto, borracha e

apontador; solicitamos ao participante que fizesse um desenho que representasse os fatores de risco e proteção relacionados ao consumo de drogas na adolescência; depois, pedimos que contasse a estória sobre seu desenho, com início, meio e fim; e finalizamos pedindo que ele desse um título à sua estória.

No segundo momento, realizamos uma entrevista semiestruturada com cada participante, que continha questões que abordavam o entendimento deles sobre drogas e os fatores de risco e proteção para o uso dessas substâncias na adolescência. As falas dos familiares foram gravadas e transcritas na íntegra, e os textos resultantes submetidos à técnica de Análise de Conteúdo Temática, de Laurence Bardin (2011), que consiste nas seguintes fases: preparação do corpus; leitura flutuante do corpus; leitura exaustiva, com o intuito de identificar as unidades de sentido e codificá-las; contagem das unidades de sentido; junção das unidades; estabelecimento das subcategorias; e definição das categorias relacionadas às subcategorias.

O estudo atendeu às diretrizes da Resolução nº 446/2012 do Conselho Nacional de Saúde (Brasil, 2012) e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, com o parecer de nº 2.561.013 e CAAE 83681517.2.0000.0055. Em respeito ao anonimato, os participantes foram identificados pela letra “P” seguida de um número de 1 a 12, por ordem de entrevista.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Perfil dos participantes

Contribuíram com a pesquisa 12(doze) familiares da comunidade quilombola, sendo 75%(n=9) do sexo feminino e 25%(n=3) do sexo masculino. Com relação ao nível escolar em sua maioria 75% (n=9) afirmaram ter concluído ensino médio; 8% (n=1) declarou ter concluído o 6º ano do fundamental; 8%(n=1) declara não saber ler e escrever(assina apenas o seu nome);8% (n=1) estava concluindo o 3º grau no momento em que participou da pesquisa. A idade dos colaboradores variou entre 35 a 60 anos; 42% (n=5) declaram trabalhar como doméstica; 8% (n=1) exercia a função de cabeleireira; 8%(n=1) afirma ser auxiliar administrativo;8%(n=1) trabalha como vigilante; 8%(n=01) exerce a função de mecânico;8% (n=1) relatou trabalhar como professora ;8% (n=1) ocupa a função de diarista ;8% (n=1) afirmou ser policial aposentado. Os familiares que convivem com adolescentes na família 8%(n=1) revelam que mantém uma relação próxima com o neto adolescente;82%

(n=10) afirmaram que convivem com seus filhos que são adolescentes; 8% (n=1) admitem conviver com sobrinhos adolescentes.

Quanto ao tempo de residência na comunidade quilombola 42% (n=5) diz residir entre 20 a 40 anos nesse local; 32% (n=4) admitiu que moram na comunidade de 30 a 39 anos e 25% (n=3) residem entre 40 a 43 anos. Com relação a autodeclaração 25% (n=3) pessoas do sexo feminino se autodeclararam de cor negra; 8% (n=1) do sexo masculino de autodeclararam negro; 42% (n=5) das mulheres declarou-se de cor parda e os homens de cor parda foram 25% (n=2), sendo apenas uma pessoa 8% (n=1) do sexo feminino se autodeclarou de cor branca.

As representações sociais dos familiares sobre o uso de drogas lícitas e ilícitas na adolescência são repletas de significados, alguns distintos, outros que se entrelaçam. Uma das funções das representações sociais está ligada a ideia de que é possível compreender e explicar a realidade que se é apresentada, o saber prático do senso comum construído socialmente. Nessa perspectiva, as representações sociais dos participantes nos levaram a formulação das categorias: Aspectos psicossociais da adolescência e a influência no consumo de drogas e; Família e escola como fatores de proteção para o consumo de drogas na adolescência.

Aspectos psicossociais da adolescência e a influência no consumo de drogas

A presente categoria será apresentada sob a forma de três subcategorias, conforme descrito na tabela:

TABELA 1- Distribuição das unidades de sentido e percentuais correspondentes às subcategorias associadas às concepções de familiares de adolescentes sobre fatores de risco e proteção relacionados ao uso de drogas na adolescência – Jequié, Bahia, 2018.

SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
	F
Influência dos pares para o consumo de drogas	41
Padrão de consumo de drogas na adolescência	12
Falta de habilidades interpessoais na adolescência podem levar ao consumo de drogas	10
TOTAL	63

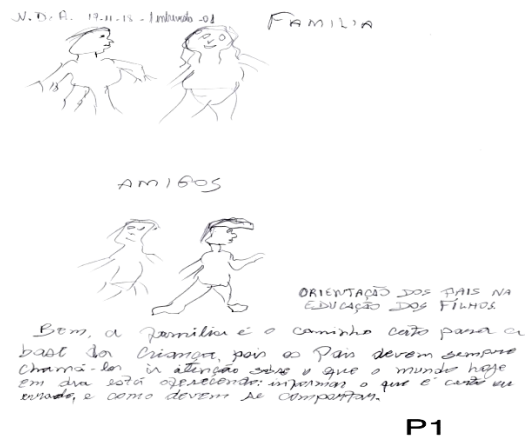
FONTE: Entrevista com os familiares de adolescentes

Influência dos pares para o consumo de drogas

Essa categoria destaca a influência do grupo de pares como fator de risco no uso de drogas lícitas e ilícitas na adolescência. Tal influência é determinante, seja no primeiro contato (uso experimental/recreativo), seja quando gera a dependência. Percebemos uma representação negativa com culpabilização de outros jovens do círculo de amizades, no ambiente escolar ou fora dele e, se configura como fator de risco, quando os amigos são considerados modelo de comportamento, conforme podemos observar nas descrições dos participantes.

[...] amizade ruim faz o contrário vai levar para o caminho do mal para usar droga, pode levar a outros delitos como assalto ou qualquer outra coisa pior. P1-E

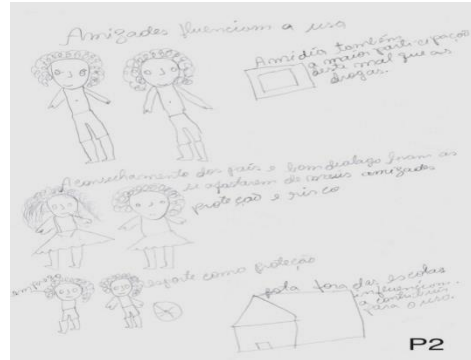
A representação gráfica da imagem de amizade como fator de risco feita por **P1-D**, são pessoas (jovens) sem conexão entre si, com ausência de linha solo, sem base e nenhum vínculo afetivo, (seus braços não dispõem das mãos e seus olhares são dispersos) traçado fantasmagórico. (Ver em anexo desenho **P1-D**)



P1

[...] (P2 disse ao colega do filho) a amizade que meu filho está tendo contigo pode me levar a uma dor, pode me levar a choro, porque tua família é assim, assim [...] P2-E

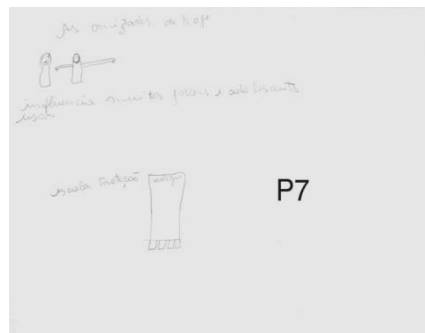
A figura humana representada por **P2-D**, não tem definição do pescoço os braços são curtos com dedos atrofiados, uma das figuras não dispõem dos braços, caracterizando falta de afetividade, e sem linha solo tanto da figura humana quanto do desenho da escola. (Ver em anexo desenho **P2-D**)



Estava tendo essas amizades, estava tendo até mesmo namorados que têm esse envolvimento (com droga). Falei: Tu sai depressa, não se envolve e não vai além, porque isso pode te trazer uma consequência maior. P2-D

O que influencia os adolescentes a usar drogas são as amizades, as amizades principalmente no colégio. P7-E

A figura humana que **P7-D** representa as amizades como fator de risco é representada por duas figuras humanas, corpo/cabeça, uma com olhos, boca e cabelo e outra apenas com olhos e corpo com membros superiores alongados e desproporcional ao tamanho do corpo (Ver desenho **P7-D** em anexo)



É comum na adolescência os adolescentes se afastarem um pouco de seus pais e buscarem partilhar de suas novas experiências com os amigos, e é também um período em que eles passam mais tempo juntos, seja no ambiente escolar ou na prática conjunta de atividades, como irem juntos a eventos. Nesse contexto, o adolescente se sente mais livre para expressar seus sentimentos e buscar o autoconhecimento, com a segurança e conforto que o grupo de pares lhes oferece, sendo uma espécie de modelo para o desenvolvimento da sociabilidade nesta fase da vida (Costa & Cavalcante, 2018).

Dell'áglio (2015) afirma que algumas características próprias da adolescência podem se configurar como fatores de risco, como: comportamentos antissociais, perspectiva baixa de sucesso, maior influência entre os amigos do que dos pais, baixa autoestima e amizade com outros jovens que apresentam comportamento de risco.

O uso de álcool e outras substâncias psicoativas por adolescentes, em contextos de socialização, tem sido considerado em estudos que analisam os fatores de risco para o uso de drogas. Nesse sentido, ter amigos que comumente usam drogas e que ficam aborrecidos quando não é servido álcool em festas ou outros eventos aumenta consideravelmente a relação entre as variáveis de risco e o uso de drogas lícitas e ilícitas (Cardoso & Malbergier, 2014).

A cultura contemporânea é sublinhada por uma forte separação do pensamento baseada na ideia de divisão do trabalho, que aponta para a existência de duas formas de pensamento distintas, como saberes polarizados simetricamente: de um lado a considerada “padrão”, ou a ciência e de outro a “não-padrão”, ou senso comum (Nobrega, 2001). “Uma sociedade bifurcada: uma maioria de especialistas e uma minoria de amadores, consumidores de conhecimento absorvido através de uma educação sucinta ou através das mídias” (Moscovici, 1988, p.541).

Padrão de consumo de drogas na adolescência

Na representação dos familiares de adolescentes as substâncias psicoativas são percebidas como algo negativo, que possui o poder de causar dependência na primeira experiência de consumo, desconsiderando desta forma os aspectos relacionados à própria substância (droga), os aspectos contextuais e individuais das pessoas que fazem uso, o que resulta em diferentes padrões de consumo da droga, conforme podemos observar nas descrições:

[...] a primeira experiência pode levar a dependência. P2-E

Não dê um trago só! Não vai ser bom! “É através de um trago que pode você se tornar dependente.” P2-D

Desse modo, é durante a experimentação da droga que o adolescente tem o primeiro contato com as substâncias psicoativas, e isso ocorre, habitualmente, em ocasiões como festas, e outros eventos. A experimentação pode desencadear outros estágios, que vão desde o uso eventual ou recreativo, podendo chegar ao uso abusivo e à dependência (Cardoso, DallAgnol, Taccolini, Tansini, Vieira, & Hirdes, 2014). Não há obrigatoriedade de que estas fases transcorram de maneira linear em todos os indivíduos que fazem uso experimental de substâncias psicoativas, mas, dependendo da substância, dos fatores contextuais e das predisposições individuais, o uso descontrolado perpassa por estas etapas, na maioria das vezes (Lopes, Bernardes, Ribeiro, Belchior, Delphim, & Ferreira).

Geralmente, quando a culpa é depositada inteiramente sobre a droga, desconsidera-se os aspectos inerentes à relação que o indivíduo estabelece com a substância e as consequências para a saúde decorrentes do uso. Essa relação pode ser tão próxima que supera outras possibilidades de autorealização, tornando necessário transferir o foco para os grupos de consumidores e as situações em que ocorre a iniciação e a manutenção do indivíduo no universo das drogas para a dinâmica do consumo (Jesus, Oliveira, Santos, Carvalho, Andrade, Pereira et al., 2017)

Por outro lado, as drogas são percebidas pelos participantes como prazerosas, pois são muitas vezes utilizadas em momentos de diversão, como festas, no entanto, demonstram que o fato de usar a droga de forma recreativa poderá levar também os adolescentes a um padrão de consumo abusivo, conforme descrições:

[...] muitos usam mesmo mais por diversão, uso recreativo. Eles usam na festa, muitas vezes usam naquele momento e esqueci, depois não usam mais. P6-E

Os adolescentes vão buscar mais aquela novidade, aquele prazer, mas às vezes voltam a usar e a coisa vai ficando....se aprofundando mais e começa a ser dependência. P6-E

A toxicomania é examinada na perspectiva da relação do sujeito com a droga. Assim, o que faz da droga um tóxico ou um fármaco é a relação assumida com ela (Schimith, Murta, & Queiroz, 2019). Portanto, quando se trata de toxicomania, o foco não está na substância e nos efeitos que ela pode causar, mas na relação que o sujeito estabelece com os seus objetos de consumo (Santiago, 2017). Comumente, as substâncias psicoativas podem ser também um recurso para lidar com um mal-estar ou com um sofrimento. No entanto, esse modo de operar pode levar a um sofrimento ainda mais intenso (Schimith, Murta, & Queiroz, 2019).

Segundo Moscovici (2010), as representações sociais são criadas na interação e processo de comunicação entre os indivíduos e grupos, não podendo ser criadas isoladamente por um sujeito apenas. A partir do momento de sua criação, elas obtêm vida própria, fluem, encontrando-se, atraindo-se e afastando-se, permitindo o nascimento de outras representações, ao passo que as velhas vão exaurindo-se.

Falta de habilidades interpessoais na adolescência podem levar ao consumo de drogas

Os familiares demonstraram a importância de o adolescente desenvolver a habilidade de ser mais assertivo em sua forma de comunicar-se, adquirir habilidades de enfrentamento de situações de risco, exigindo dele manejo de situações que podem trazer consequências negativas para sua vida como: comportamentos antissociais e até mesmo levar à morte.

Alguns descrevem que o adolescente pode desenvolver a capacidade de dizer “não”, através da educação recebida em seu núcleo familiar, em casos específicos, como a oferta de drogas por terceiros, “tendo o livre arbítrio” em realizar suas escolhas, sendo essas certas ou erradas.

[...] aqueles que têm uma boa educação em casa eles vão rejeitar, os outros, aqueles que querem seguir seu próprio mundo vão acabar caindo facilmente na armadilha das drogas. P1-E

[...] você está preparado no meio da família, com os conselhos dos pais é onde diz um "não" para aquele colega (que oferece a droga). PD-2

Só que como digo: você tem o livre arbítrio, você tem o entendimento do que seja certo e errado. P 11-E

[...] eu falava para ela: “Tu se sai, tu se afasta, porque isso pode te levar a uma consequência maior, pode te levar até mesmo a uma prisão ou uma morte”. PD-2

Desse modo, as habilidades sociais podem ser descritas como classes de comportamentos sociais que contribuem para a competência social, quando presentes no repertório do indivíduo, possuem grandes probabilidades de gerar consequências reforçadoras para o próprio indivíduo e para as pessoas ao seu redor (Longhini, Rios, Peron, &Neufeld, 2017).

Estudos têm demonstrado os prejuízos causados por um baixo repertório de habilidades sociais por adolescentes e a associação com o uso de álcool, tabaco e drogas ilícitas (Cardoso &Malbergler, 2013; Felicissimo, Fontoura, &Ronzani, 2016). A elaboração e aprendizagem das habilidades sociais na infância e adolescência têm se constituído indicadores importantes da saúde psicológica e bem-estar dos adolescentes, sendo possível listar nas pessoas socialmente competentes, fatores como melhores índices de autoestima e autoeficácia, relações mais produtivas e duradouras, melhor saúde mental e física e maior satisfação e motivação pessoal (Pereira, Dutra-Thomé, &Koller, 2016).

Desse modo, a preocupação relacionada à aprendizagem e ao aperfeiçoamento do repertório das habilidades sociais pode ser explicada, a partir das evidências de que seus déficits, ou comprometimentos, podem ter diversas consequências, como, por exemplo, a baixa capacidade de resolução de problemas, baixos níveis de qualidade de vida, problemas de aprendizagem, conduta antissocial, dificuldade nas relações interpessoais e relação com transtornos psicológicos diversos, como o transtorno por uso de substâncias (Del Prette & Del Prette, 2013).

Na transição da adolescência para a vida adulta, os adolescentes precisam utilizar um repertório de habilidades sociais mais complexo para ter um desempenho social adequado, já que essa etapa da vida é caracterizada por uma série de desafios impostos pelos novos contextos sociais aos quais eles serão apresentados, em destaque para o laboral/educacional e familiar (Pereira, 2015).

Um repertório de habilidades sociais adequado pode auxiliar os adolescentes a lidarem com problemas, bem como a construir relações sociais significativas. Essas relações podem se tornar uma rede de apoio e um fator protetivo para o uso de drogas, em especial, nos casos em que as habilidades sociais não foram suficientes para enfrentarem seus problemas (Pereira, Dutra-Thomé, & Koller, 2016).

A construção e o funcionamento de uma representação podem ser entendidos por meio de dois processos, objetivação e ancoragem, que englobam a interligação e a articulação entre as condições sociais e atividades cognitivas em que as representações sociais são modeladas. A primeira é moldada na relação do indivíduo com o objeto representado. Objetivar, portanto, consiste em tornar concretas as abstrações, dar formato aos pensamentos, materializando o impalpável, enfim, converter o que é representado em objeto. Já a ancoragem assegura três funções essenciais, a saber: incorporar o estranho ao novo, interpretar a realidade, direcionar os comportamentos, permitindo a fixação daquilo que antes era desconhecido, numa rede de categorias comuns (Nobrega, 2001).

Família e escola como fatores de proteção para o consumo de drogas na adolescência

A presente categoria será apresentada sob a forma de duas subcategorias, conforme tabela:

TABELA 2- Distribuição das unidades de sentido e percentuais correspondentes às subcategorias associadas às concepções de familiares de adolescentes sobre fatores de risco e proteção relacionados ao uso de drogas na adolescência. Jequié, Bahia, 2018.

SUBCATEGORIAS	UNIDADES DE SENTIDO
F	
Família como fator de proteção para o consumo de drogas	32

Escola como fator de proteção para o consumo de drogas	32
--	----

TOTAL	64
--------------	-----------

FONTE: Entrevista com os familiares de adolescentes

Família como fator de proteção para o consumo de drogas

As representações sociais dos familiares sobre os fatores de proteção relacionados ao uso de drogas revelaram que a família se constitui em um elemento fundamental na prevenção ao uso por adolescentes, na medida em que se propõe a dialogar sobre o que são drogas e as consequências que o seu uso pode desencadear, conforme demonstram as descrições:

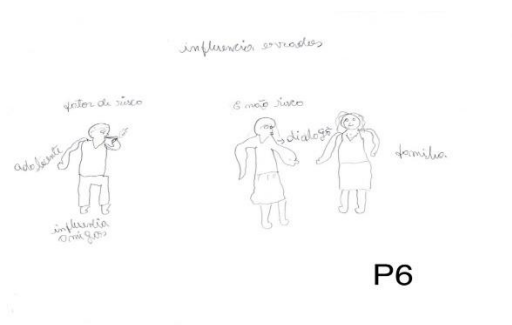
[...] conversar, muita conversa, é explicar as consequências das drogas no colégio [...] **P1-E**

[...]muita conversa, é explicar as consequências dentro da própria família **P1-E**

O que protege também são os bons conselhos dos pais, da família **P2-D**

[...] os pais devem estar trazendo o diálogo para dentro de casa, conversando, ensinando, colocando o que são drogas e o risco que tem, levando a pessoa a morte às vezes, muitos a crimes. Tem que estar de olho para afastá-los deste lado aí! **P6-D**

A imagem representada por **P6-D** como fator de proteção, as figuras humanas estabelecem conexão por meio de olhares, o que indica diálogo, contudo os dedos das mãos são atrofiados e os dos pés não existem, ausência de expressão de afetividade, e sem base (sem linha de solo). (Ver em anexo **P6-D**)



O diálogo é a chave principal para proteção. Acho que um diálogo aberto com os filhos desmotiva a usar drogas. **P10-E**

Desse modo o diálogo aparece como fator protetor, corroborando com estudo que aponta que, a disponibilidade de informações contribui para o afastamento dos adolescentes do consumo de drogas. A dialogicidade aumenta os laços afetivos entre pais e filhos, os

sentimentos de cumplicidade e de respeito, que constituem elementos importantes para a recusa da droga (Seleghim & Oliveira, 2013).

A família pode se constituir em um espaço privilegiado de socialização, de divisão de responsabilidades, tolerância, respeito, divisão de responsabilidades, cidadania e desenvolvimento de estratégias de sobrevivência e garantia de proteção aos seus membros (Henriques et al., 2016).

O papel da família no contexto do consumo de drogas na adolescência tem sido alvo de constante discussão na atualidade, principalmente no que se refere à forma como os pais enfrentam a passagem da adolescência dos filhos e alguns fatores como ausência de investimento nos vínculos que unem pais e filhos; envolvimento materno insuficiente; práticas disciplinares inconsistentes ou coercitivas; excessiva permissividade, dificuldades de estabelecer limites aos comportamentos e educação autoritária associada à pouco zelo (Silva, Thais Rodrigues, & Gomes, 2015).

Nesse contexto, no presente estudo os familiares destacaram também a importância do monitoramento dos adolescentes para a prevenção do consumo:

[...] os nossos filhos falam: mãe eu vou fazer um trabalho na casa de um colega! Nosso dever é procurar saber a onde? Como é a família? Como são os pais? Os pais estão presentes ou não está? Como está sendo a convivência daquela família. P2-E

[...] Quando os pais acompanham a rotina dos filhos é até um meio de está livrando nossos filhos do perigo. P2-E

A família deve está sempre unida, conversando, sempre observando, vendo com quem sai e com quem chega e desta forma dá tudo certo. P7-E

Aconselhar, sempre observar quando ele (a) sair você procurar está junto, entendeu? Observar com quem sai e com quem chega, porque tudo isso é bom. P7-E

As descrições dos familiares demonstram que o monitoramento dos adolescentes deve ser, principalmente, em relação às amizades, pois eles devem saber como é a família desses amigos, se também acompanha a vida do adolescente. Destacaram também a importância do acompanhamento da rotina dos adolescentes.

Desse modo, é importante que os familiares acompanhem a rotina dos adolescentes, monitorem o seu dia a dia, conheçam os seus hábitos, organizem a rotina deles para que não haja tempo para ociosidade, pois pode representar um fator de risco para o consumo de drogas. Práticas familiares como fazer refeição com pais ou responsáveis, residir com os pais

e estes saberem onde os filhos estavam no tempo livre têm efeito protetor no uso de substâncias.

Nobrega (2001) afirma que toda representação está relacionada a alguma coisa ou a alguém, é um processo em que se unem o conceito e o objeto compreendido na sua particularidade imaginativa. A ação representativa acontece simultaneamente, no movimento de aproximação e afastamento entre o sujeito e o objeto, quando o sujeito se afasta do objeto, ele se relaciona a este último através do símbolo. Este símbolo pode ser um objeto ou um fenômeno que o representa. É uma ideia partilhada pelos indivíduos, independente da presença deste objeto.

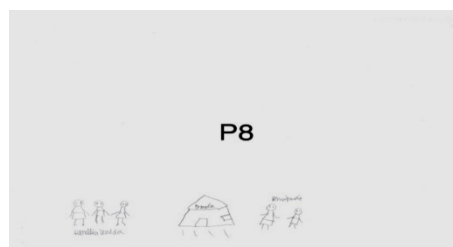
Escola como fator de proteção para o consumo de drogas

Os resultados revelam que a representação social dos familiares que participaram do estudo se inscreve em um contexto de crenças e atitudes associadas ao pensamento de que a escola funciona como um espaço de proteção e distanciamento dos adolescentes das substâncias psicoativas. Nesse sentido, as falas a seguir demonstram a crença de que ficar dentro da escola impede o contato do adolescente com as substâncias:

A escola tem muito trabalho a fazer, é só o jovem se dedicar, ter coragem e ânimo, muitos nem entram no portão do colégio, passa no portão, mas não entra. Aquele já foi! Aquele que se dedica, ali no estudo é uma proteção, a escola é uma proteção e grande, grande mesmo.

P8-E

A representação gráfica da escola de **P8-D**, é de uma casa cabana, apenas com uma porta e uma janela, totalmente isolada, sem linha solo, ou seja sem base. (Ver em anexo **P8-D**)



Na escola o jovem come, enche a barriguinha e os pensamentos mal saem. A tristeza vai embora! E o pensamento que está ali de ir para as drogas não vem mais, não é? Porque o colégio ajudou! **P8-D**

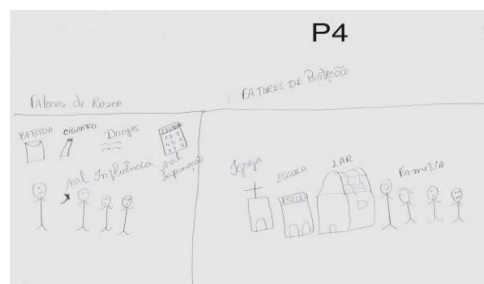
Nessa perspectiva, as descrições do participante **P8** corroboram os resultados de um estudo que demonstra que os adolescentes que gostam de frequentar a escola têm um risco quase 35% menor de serem usuários de álcool, tabaco e outras drogas ilícitas. No entanto, aqueles que apresentaram insatisfação com a escola, baixo desempenho escolar, dificuldades no desempenho estão em maior vulnerabilidade para o consumo dessas substâncias. Sentir-se entediado na escola e o pensamento de evasão escolar aumenta em quase cinco vezes o risco dos adolescentes consumirem drogas, principalmente álcool e tabaco (Cardoso & Malbergier, 2014).

No entanto, mesmo a escola tendo potencial de ser fator de proteção para o consumo de drogas, conforme descrito nas falas dos entrevistados, muitas vezes ela não consegue cumprir esse papel, principalmente as públicas, devido à algumas dificuldades que vêm enfrentando, como: professores com excesso de demandas, o tempo de planejamento e reflexão desses é escasso, o trabalho de prevenção nas escolas é percebido pelos professores como uma demanda a mais (Moreira, Vóvio, & Micheli, 2015). Alguns educadores afirmam não possuem embasamento científico para trabalhar a temática uso de drogas nas escolas e nem se sentem seguros e preparados para tal, muitas vezes não abordando a temática em sala de aula (Souza, Andrade, Rodrigues, Nascimento, & Micheli, 2015).

No presente estudo, os familiares ressaltam a importância de que na escola haja estratégias voltadas à prevenção do consumo de drogas por adolescentes como, disciplinas que abordem a temática, ter conselheiros em sala de aula que orientassem os estudantes e orientação dos professores, conforme descrições:

A escola tem um papel fundamental, fazendo o papel de alerta, trabalhando matéria que envolva, que fale sobre as drogas, sobre o ato sexual... tudo isso! P4-E

A representação de P4-D da escola se restringe a uma estrutura retangular com duas portas sem linha solo, demonstrando ausência de base, que fica entre a casa e a igreja. (Ver em anexo **P4-D**)



A escola pode proteger os adolescentes do uso das drogas, olhar o comportamento dentro da escola. Ser mais rigorosa assim, dentro da sala de aula ter um conselheiro, não apenas em sala de aula, mas na escola que pudessem aconselhá-los para eles não irem para o lado das drogas. P6-E

[...] desde pequeno, adolescente, os professores sempre orientavam a gente quanto a elemento ruim fora do colégio e dentro do colégio a gente vê que não acontece, mas fora da escola acontece esse tipo de coisa (aliciar para o uso de drogas). P1-E

A escola pode constituir-se em um elemento fundamental para a prevenção do uso de drogas, mas para que isso ocorra é necessário que os professores abordem essa temática, não apenas utilizando metodologias tradicionais de ensino, que não se propõem a ouvir os estudantes, mas têm enfoque apenas nos efeitos negativos, nas consequências que uso de drogas pode causar (Moreira, Vóvio, & Micheli, 2015).

É necessário que os professores se coloquem em uma relação de horizontalidade com os estudantes, que haja um diálogo franco e aberto sobre a temática, para que desperte o entendimento, faça com que esses percebam o significado social e de saúde no contexto do uso de drogas e que detenham as informações para avaliar e ter suas próprias conclusões sobre o assunto, os projetos devem então promover saúde e visar o aumento da reflexão sobre estilo de vida saudável (Lopez & Rezende, 2014; Souza, Andrade, Rodrigues, Nascimento, & Micheli, 2015).

No intuito de ampliar a compreensão sobre a prevenção do uso de drogas por adolescentes, no contexto da escola, é necessário compreendermos os valores, ideias, sentimentos e visões de mundo dos diversos atores sociais envolvidos. Para tanto, contamos com as contribuições da teoria das Representações Sociais (RS), que de acordo com Jodelet (2011, p.32) constitui-se em “uma forma desconhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma visão prática e concorrendo para construção de uma realidade comum a um conjunto social”.

Desse modo, as representações sociais dos familiares desse estudo sobre os fatores de proteção relacionados a consumo de drogas na adolescência, fizeram ver que é necessário haver uma parceria entre família e escola para que essa proteção seja efetiva. Para isso, a escola deve implantar programas que integrem os pais às escolas, ter o acolhimento desses familiares, formar uma rede de suporte que envolva escola e família:

A escola pode realizar programas que possam integrar os pais junto às escolas, fazendo um trabalho de educação familiar para conscientizá-los de como perceber que seu filho está passando por determinada situação (uso de drogas). Projetos que envolvam os adolescentes e jovens, trazer palestras, profissionais de psicologia, trazer também pessoas que passaram pela experiência de ser

usuário de drogas para servir como exemplo para os alunos. Acho que a escola pode muita coisa!
P4-E

[...] a educação é muito importante para os nossos jovens como fator de proteção, principalmente para ajudar a tirá-los desta situação de drogas, a prevenção é fator primordial. Deveriam ter palestras, os pais devem também participar estar junto. ...conscientização ajuda muito nestas circunstâncias. **P9-E**

[...] o primeiro passo é o acolhimento familiar e depois vem à educação. A parceria da escola e a família, nessa parceria vão se desenvolvendo a amizade. Então você vai ser amigo do amigo do seu filho que desta forma você vai criar uma corrente do bem para não perder seu filho para as drogas. É uma corrente: família, escola, e amigos. **P10-E**

Desse modo, as escolas devem oferecer atividades voltadas aos familiares dos adolescentes, pautadas na promoção de diálogo e fortalecimento de vínculos, possibilitando que os familiares tenham uma compreensão mais ampla sobre a adolescência e suas particularidades, além de favorecer que haja um espaço para compartilhamento de experiências, horizontalidade de saberes e orientações (Pedroso, Abreu, & Kinoshita, 2015).

A parceria entre escola e família torna-se fundamental, principalmente porque os familiares têm um papel importante em relação ao uso de drogas, pois quando a família é cuidadora, afetiva, amorosa e comunicativa com os adolescentes eles possuem menores chances de se envolver com as substâncias, já que esses fatores auxiliam no desenvolvimento saudável de seus membros (Macedo, Aygnes, Barbosa, & Luis, 2014).

Nessa perspectiva, é importante que os educadores saibam o modo como esses familiares representam o consumo de drogas na adolescência, pois de acordo com Moscovici (1978), as Representações Sociais (RS) de um grupo não se constituem apenas em mera opinião, vão além disso, pois estão relacionadas à avaliação do objeto, aos sentimentos associados e representam as características compartilhadas e elaboradas por um grupo. As RS podem contribuir para o estabelecimento de intervenções voltadas aos grupos, sendo que no caso desse estudo, poderá contribuir para o desenvolvimento de ações de cuidado voltadas aos familiares de adolescentes no contexto do consumo de drogas.

CONCLUSÃO

As representações dos familiares que participaram do estudo emergiram ancoradas nas experiências comunitárias que tanto demonstram fatores de riscos relacionados ao uso de drogas que se constroem mediante a influência do grupo de pares, o padrão de consumo de drogas e a falta de habilidade para lidar com situações de vulnerabilidade, quanto mostram

que o diálogo, o monitoramento da rotina, bem como as estratégias de prevenção no espaço escolar podem constituir fatores de proteção.

Nesse contexto, os resultados do estudo evidenciam a necessidade de tornar esse tema mais discutido no ambiente familiar, de modo a preparar os adolescentes para o enfrentamento de situações de riscos e vulnerabilidades relacionadas ao uso de drogas, além de tornar mais fortes os vínculos familiares.

A limitação do estudo decorre da dificuldade de acesso às famílias, em virtude do preconceito, dos conflitos existentes em comunidades marcadas pelo tráfico de drogas e relações de violência moral, psicológica e, até mesmo, física. Por fim, o estudo cumpre a função de ampliar a voz da comunidade quilombola que clama por ações integrativas que envolva diferentes setores sociais e sejam capazes de garantir aos adolescentes melhor qualidade de vida.

REFERÊNCIAS

- Aquino, J.M., Teixeira, K.S., Silva, D. M. R., Xavier, R.F., Medeiros, S.E.G., & Falcão, V. T. F.L. (2019). Consumo de bebidas alcoólicas por estudantes de escolas públicas da cidade do Recife-PE. *SMAD. Revista eletrônica saúde mental álcool e drogas*, 15(2), 60-68. Doi 10.11606/issn.1806-6976.smad.2019.000419
- Barbosa, F.N.M., Casotti, C.A., Nery, A.A. (2016). Comportamentos de risco à saúde de adolescentes escolares. *Texto Contexto Enferm*, 25(4), 1-9. doi 10.1590/0104-07072016002620015
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. São Paulo: Edições 70, 2011.
- Cardoso, L.R.D., & Malbergier, A. (2014). Problemas escolares e o consumo de álcool e outras drogas entre adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*, 18(1), 27-34. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572014000100003>
- Cardoso, M.P., Dall, A.R., Taccolini, C., Tansini, K., Vieira, A., & Hirdes, A. (2014). A percepção dos usuários sobre a abordagem de álcool e outras drogas na atenção primária à saúde. *Aletheia*. 2014, (45): 72-86.
- Costa, A.C.R., Cavalcante, L.I.C. (2018). Fatores de risco no desenvolvimento e nas relações de amizade de adolescentes em acolhimento institucional. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 3(5), 377-391.
- Del Prette, A & Del Prette, ZAP. (2013). Programas eficazes de treinamento en habilidades sociales basados en métodos vivenciales. *Apuntes de Psicología*, 31(1), 67-76.
- Elicker, E., Palazzo, L.S., Aerts, D.R.G.C, Alves, G.G, & Câmara, S. (2015). Uso de álcool, tabaco e outras drogas por adolescentes escolares de Porto Velho-RO, Brasil. *Epidemiologia e Serviços de Saúde*, 24(3), 399-410. doi: 10.5123/S1679-49742015000300006

- Franklin, T.A., Cardoso, L.K.B., Veigas, L.D.B., Nery, A.A., Casotti, C.A. (2018). Health Risk Behaviors of Adolescents Living in a Small Municipality. *Rev. Pesqui. Cuid. Fundam*, 10(3): 704-710. doi: 10.9789/2175-5361.2018.v10i3.704-710
- Felicissimo, F.B., Santos, J.A., Fontoura, L.O. &Ronzani, T.M. (2016). Habilidades Sociais em Alcoolistas: Um Estudo Comparativo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 32(2), 1-6. doi: 10.1590/0102-3772e322212
- Fuentes, M.C., Alarcón, A., García, F., &Gracia, E. (2015). Consumo de alcohol, tabaco, cannabis y otras drogas en la adolescencia: efectos de la familia y el barrio. *Anales de Psicología*, 31(3), 1000-1007. doi 10.6018/analesps.31.3.183491
- Henriques, B.D., Reinaldo, A.M.S., Ayres, L.F.A., Moreira, T.R., Lucca, M.S., & Rocha, R.L. (2016). O uso de crack e outras drogas por crianças e adolescentes e suas repercussões no ambiente familiar. *Escola Anna Nery*, 20(4), e20160105. doi: 10.5935/1414-8145.20160105
- Jesus, I.S., Oliveira, M.A.F., Santos, V.T.C, Carvalho, P.A.L., Andrade, L.M., & Pereira, L.C, et al. (2017). Percepção de estudantes da educação básica sobre drogas: um olhar à luz de Merleau-Ponty. *Rev Gaúcha Enferm*, 38(4): e65013. doi: 10.1590/1983-1447.2017.04.65013
- Jodelet, D. (2001). Representações sociais: um domínio em expansão. In D. Jodelet (Ed.), *As representações sociais* (pp. 17-44). Rio de Janeiro: UERJ
- Lisbôa, G. L. P., Brêda, M. Z., &Albuquerque, M.C.S. (2014). Concepções e práticas de acolhimento aos familiares na atenção psicossocial especializada em álcool e outras drogas. *Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste*, 15, 264-272.
- Longhini, L.Z., Rios, B.F., Peron, S., Neufeld, C.B. (2017). Caracterização das Habilidades Sociais de Adolescentes em Contexto Escolar. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 13(2): 131-137. doi; 10.5935/1808-5687.20170018
- Lopes, A.P., & Rezende, M.M. (2014). Consumo de substâncias psicoativas em estudantes do ensino médio. *Psicologia: teoria e prática*, 16(2), 29-40. doi 10.15348/1980-6906/psicologia
- Lopes, G.T., Bernardes, M.M.R., Ribeiro, A.P.L.P., Belchior, P.C., Delphim, L.M., & Ferreira, R. (2014). Percepções de adolescentes sobre uso/dependência de drogas: o teatro como estratégia pedagógica. *Esc. Anna Nery*, 18(2): 202-208. doi 10.5935/1414-8145.20140029
- Lobo, L.A., Barbosa, M.C.L. (2017). Álcool e drogas: um problema vivido por adolescentes usuários em um município do sudoeste da Bahia. *Id onLine: revista multidisciplinar e de psicologia*, 10 (33): 32-42.
- Macedo, J.Q., Aygnes, D.C., Barbosa, S.P., & Luis, M.V. (2014). Concepções e vivências de estudantes quanto ao envolvimento com substâncias psicoativas em uma escola pública de Ribeirão Preto, São Paulo, Brasil. *Ciencia y enfermería*, 20(3), 95-107. doi: 10.4067/S0717-95532014000300009
- Malta, D.C., Oliveira-Campos, M., Prado, R.R., Andrade, S.S.C., Mello, F.C.M., & Dias, A.J.R (2014). Uso de substâncias psicoativas, contexto familiar e saúde mental em

- adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde dos Escolares (PeNSE 2012). *Revista Brasileira de Epidemiologia*, 17(Supl. 1), 46-61. doi 10.1590/1809-4503201400050005
- Moreira, A., Vóvio, C., & Micheli, D. (2015). Prevenção ao consumo abusivo de drogas na escola: desafios e possibilidades para a atuação do educador. *Educação E Pesquisa*, 41(1), 119-135. doi: 10.1590/S1517-97022015011670
- Moscovici, S. (1978). *A representação social da psicanálise*. Rio de Janeiro, Zahar.
- Moscovici, S. (1998). De la ciencia au sens commun. IN: Moscovici.(dir). *PsychologieSociale*. 2ed. Paris. PUF.
- Moscovici, S. (2010). *Representações Sociais. Investigações em psicologia social*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes. 403p.
- Moura, N.A., Monteiro, A.R.M., Freitas, R.J.M. (2016). Adolescentes usuários de drogas (i)lícitas e práticas de violência. *Revenferm UFPE online.*, Recife, 10(5):1685-93.
- Nascimento, M. O., De Micheli, D. (2015). Avaliação de diferentes modalidades de ações preventivas na redução do consumo de substâncias psicotrópicas em estudantes no ambiente escolar: um estudo randomizado. *Rev. Ciência Saúde Coletiva*, 20(8), 2499-2510.
- Nobrega, S. (2001). Sobre a Teoria das Representações Sociais. In: Moreira, ASP (org). *Representações sociais: Teoria e Prática*. João Pessoa, Universitária.
- Silva, A.G., Rodrigues, T.C.L., & Gomes, K.V. (2015). Adolescência, vulnerabilidade e uso abusivo de drogas: a redução de danos como estratégia de prevenção. *Revista Psicologia Política*, 15(33), 335-354.
- Trinca, W. (2003). *Investigação clínica da personalidade: O desenho livre como estímulo de apercepção temática*. 3ª ed. São Paulo (SP): EPU. 154p.
- Pereira, A.S, Dutra-Thomé, L., Koller, S.H. (2016). Habilidades sociais e fatores de risco e proteção na adultez emergente. *Psico*, 47(4), 268-278.
- Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012*. (2012). Aprova normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Brasília: Diário Oficial da União
- Santos, G.T, Dias, J.M.B. (2015). Teoria das representações sociais: uma abordagem sociopsicológica *PRACS: Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 8 (1): 173-187;
- Schimith,P.B., Murta, G.A.V., &Queiroz,,S. (2019). A abordagem dos termos dependência química, toxicomania e drogadição no campo da Psicologia brasileira. *Psicologia USP*, 30: e180085. doi: 10.1590/0103-6564e180085
- Siqueira, D.F., Moreschi, C., Backes, D.S., Terra, M.G., Soccol, K.L.S., &Mostardeiro, S.C.T. (2015). Percepção de familiares sobre a iniciação do uso de crack por adolescente. *Ciênc. Cuid. Saúde*, 14(1):948-954.

Souza, F.B., Andrade, A.L.M., Rodrigues, T.P, Nascimento, M.O., & Micheli, D. (2015). Avaliação das concepções de educadores de escolas públicas e particulares sobre uso de drogas: um estudo exploratório. *Psicologia clínica e psicanálise*, 15(3).

Zappe, J.G, Alves, C.F., & Dell'Aglio, D.D. (2018). Comportamentos de risco na adolescência: Revisão sistemática de estudos empíricos. *Psicologia em Revista*, 24 (1): 79-100.

World Health Organization. Global recommendations on physical activity for health [Internet]. Geneva (CH): WHO; 2010 [cited 2019 ago]. Available from: <http://whqlibdoc.who.int/publications/2010/9789241599979-eng.pdf>.